

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
DEPARTAMENTO DE PSICANÁLISE E PSICOPATOLOGIA
ESPECIALIZAÇÃO EM INTERVENÇÃO PSICANALÍTICA NA CLÍNICA DA
INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA

Aline Cristina Campanhol Conci

A ADOLESCÊNCIA: POSSÍVEIS MANIFESTAÇÕES NA CONTEMPORANEIDADE

PORTO ALEGRE

2017

ALINE CRISTINA CAMPANHOL CONCI

A ADOLESCÊNCIA: POSSÍVEIS MANIFESTAÇÕES NA CONTEMPORANEIDADE

Monografia apresentada para obtenção do título de Especialista em Intervenção Psicanalítica na Clínica da Infância e Adolescência; Instituto de Psicologia: Departamento de Psicanálise e Psicopatologia- Universidade Federal do Rio Grande do UFRGS Orientadora: Prof.^a, Dra. Rose Gurski

PORTO ALEGRE

2017

“Escrever nos possibilita reescrever...ler e reler nossas marcas e, se preciso for, remarcá-las” (Jane Patrícia Haddad)

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	4
2 DESENVOLVIMENTO.....	5
2.1 A escuta de um adolescente durante um estágio.....	5
2.2 A escuta de um adolescente em atendimento clínico.....	9
2.3 A adolescência na contemporaneidade.....	11
2.4 Manifestações na adolescência.....	15
3 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	17
4 REFERÊNCIAS.....	19

A adolescência: possíveis manifestações na contemporaneidade

RESUMO

Este trabalho apresenta algumas manifestações da adolescência no cenário contemporâneo, através de duas experiências de escuta com adolescentes; a primeira em um estágio de Psicologia e, a segunda, em atendimentos clínicos realizados após a graduação. Sustenta-se no estudo da teoria, em um entendimento psicanalítico e apresenta observações e sentimentos que abarcam as experiências. A partir de algumas considerações sobre a adolescência, a pretensão é produzir questionamentos sobre as vias de construção subjetiva na adolescência, considerando os sintomas do sujeito a partir dos aspectos culturais deste tempo social.

Palavras Chaves: adolescência, contemporaneidade.

This work presents some adolescence manifestations in the contemporary scenario from two occurrence with adolescents: the first in a internship performed during the graduation and the second in clinical attendance performed after this period. Ground in theory presented in the bibliography reference and on one psychoanalytic vision, presenting some observations and feelings that embrace these experiences. Based on some considerations about the adolescence, It addresses some considerations in the pretension to call forth a discussion and provoking questions about the subjective construction in adolescence, considering the aspects of culture in the contemporaneity and the symptoms of the person and his time.

Key Words: adolescence, contemporaneity view.

1 Introdução

A adolescência foi o tema escolhido para esse trabalho, porque durante a graduação e no início da atividade profissional, havia muita dificuldade por parte da autora em trabalhar com adolescentes. Além da falta de recursos teóricos e psíquicos, possivelmente escondendo também uma dose de resistência. Na época, o que foi possível estudar durante a graduação, parecia isolar a adolescência de seu contexto sociocultural, embora isso não fizesse sentido.

Durante o curso de pós-graduação, nos módulos dedicados ao estudo da adolescência, talvez também pela forma com que os assuntos foram abordados, despertou amor para o desejo de compreender algumas questões que permaneciam ecoando à procura de algum entendimento possível.

O estágio com ênfase em Psicologia Social confrontou-me com diferentes realidades, algumas muito duras como a relatada no primeiro caso a ser apresentado. No início da atividade clínica, supunha que o trabalho com adolescentes seria ainda mais desafiador e provavelmente por isso, essa demanda pouco chegava até mim. Eis que um dos primeiros casos atendidos, trouxe na experiência de escuta de um adolescente, a procura de entendimento do que realmente acionava em mim, uma jovem terapeuta, as questões da adolescência.

O trabalho apresenta algumas considerações acerca da adolescência na contemporaneidade e suas possíveis manifestações, não necessariamente constituindo sintoma, mas também considerando os sintomas em sua dimensão constitutiva do sujeito. Nos dois casos apresentados os nomes das pessoas referidas foram modificados com o propósito de preservar suas identidades.

Com objetivo de tencionar algumas questões da adolescência através destas duas experiências, o trabalho se propõe a dialogar, através de alguns autores a partir do que fora percebido e tentar responder sobre quais as possibilidades de ressignificação que a escuta pode apresentar também aos adolescentes.

2 Desenvolvimento

2.1 A escuta de um adolescente durante um estágio

A primeira experiência aqui apresentada, talvez tenha repercutido em um só-depois, quando algumas considerações foram sendo pensadas através dos estudos no curso de pós-graduação. O que me convoca a escrever sobre esse caso é problematizar as questões da adolescência, do desamparo, também no campo do social e sobre as violências de estado. Na intenção de também identificar alguns fracassos que a escola poderia evitar, assim como a falta de dispositivos para trabalhar que permeia as instituições.

O estágio foi realizado em uma comunidade com elevado índice de vulnerabilidade social, a proposta era de desenvolver o trabalho na Unidade Básica de Saúde que atende uma população de dois bairros de uma cidade de porte médio do interior do estado. As equipes de saúde eram organizadas conforme um mapeamento das áreas e as demandas chegavam

até nós, nesse caso duas estagiárias e estudantes de Psicologia, através das visitas que realizávamos, pelos atendimentos na própria unidade e especialmente pelas agentes de saúde que atuam na comunidade.

Por vezes éramos surpreendidas por pedidos que nos convocavam de uma certa forma, a reproduzir as violências que o Estado realiza quando em seu fazer não considera as questões do sujeito, tampouco do seu desejo e de sua subjetividade. São ações movidas por questões higienistas de controle e de excessos. De modo que se considera que a falta de políticas sociais, através da presença do Estado e as violências praticadas pelo mesmo configuram falências múltiplas.

Um dos pedidos de uma Equipe, logo no início do estágio era para que fossemos até uma senhora no intuito de assegurar que ela não desistisse do procedimento de esterilização agendado para data próxima. A explicação era de que ela era pobre, tinha já uma família numerosa e não fazia uso dos métodos contraceptivos disponíveis na rede. Talvez o não comparecimento às internações agendadas seria a forma que ela havia encontrado, a fim de se opor à condição em que era colocada, mas fomos até a residência como solicitado. A intenção era de escutar Odete, uma mulher de trinta e um anos, que tinha oito filhos, o mais velho era Jézer que tinha quatorze anos, também é filho de Orlando; um rapaz com quem Odete se relacionou na juventude, cujo paradeiro a família desconhece, desde que o menino tinha alguns meses de idade.

Odete nos recebeu em sua residência, na época inacabada e cedida por uma pessoa próxima a um familiar. A casa foi construída através de um projeto de habitação, cuja obra jamais havia sido concluída. As janelas eram recobertas por plásticos como forma de proteção ao frio intenso do inverno da região Sul do país, a porta principal era arqueada pela ação do tempo e as divisórias internas eram feitas por panos que tentavam demarcar um quarto e uma cozinha. Odete, no dia, expressava algum constrangimento e também preocupação com a volta do filho da internação compulsória, devido à condição de toxicomania do filho e também pelas dívidas contraídas com os traficantes.

Apontava para um campinho próximo, principal área de lazer do bairro, um lugar onde somente duas traves corroídas demarcavam que se tratava de um campo de futebol num terreno que permanecia alagado em boa parte do ano. Odete temia que seu filho Jézer, pudesse não resistir por muito tempo e no lugar indicado iria encontrar-se com sua turma, fumar e se envolver com ações criminosas novamente. O drama do adolescente parecia se destacar em uma família que também era assolada pelo desamparo real. Nesse cenário pensar as questões da adolescência carece de um olhar mais apurado sobre as condições sociais, as formas de mal-estar, as cristalizações de violência no cotidiano.

Jézer tivera dificuldades na escola em séries iniciais, abandonou a escola na quinta série do ensino fundamental, criou total aversão pelo ambiente escolar. Muitas vezes, a mãe era chamada à escola, o corpo docente reclamava da falta de limites do filho para a mãe, o conselho tutelar, de alguma forma, a obrigava a responder pela ausência do filho na escola e pelos atos delinquentes que esse passou a praticar.

A escola como instituição que a criança experimenta, poderia também proporcionar um lugar para a instauração do desejo na criança. Segundo Alves e Molina (2008), para que a escola possa dar continuidade à função constituinte, propiciada através das funções parentais, seria necessário que primariamente fossem estruturantes e secundariamente educativas. A falência anunciada na escola, que Jézer também salientava em seu discurso, implica em refletir sobre as condições necessárias para que a criança consiga ampliar sua inserção nos laços socioinstitucionais primários e através deles construir sua realidade.

Odete parecia ter alguma noção da queixa dos professores e dos conselheiros tutelares quando estes em coro diziam “*faltam limites*”, mas repetia o termo sem que pudesse entender o que realmente demandava o adolescente através de seus atos. Segundo Torossian (2011), limites é uma expressão que emerge em vários cenários que envolvem crianças e adolescentes de diferentes idades em diversos contextos sociais, realidades familiares variadas e demarcações diferenciadas. Nesse mesmo estudo propõe pluralizar os limites, porque embora a expressão seja a mesma, há necessidade de tratá-los no plural, não porque sejam muitos, mas porque são heterogêneos.

De acordo com Rodolfo (apud Conte, 2011) limite designa algo que precisamente se deixa passar, mas não de qualquer coisa e qualquer maneira. O limite seria uma costura, um tramado, não simplesmente um corte. Nesse caso era evidente que a trama necessária que possibilitaria sustentar a operação desse corte estruturante, estava em muito danificada.

A diluição da autoridade na vida pública e política segundo Hannah Arendt (apud, Rodrigues & Gurski, 2008) produziu efeitos para o âmbito da família e da escola. Na mesma medida em que esses efeitos da diluição da autoridade crescem na esfera privada, torna-se radical a desconfiança frente à autoridade na esfera pública. Essa crise da autoridade evidencia também uma desimplicação por parte dos educadores. Quando a escola, através de seu corpo docente, diz que faltam limites para a criança e que ela não tem condições de aprendizagem, devido a sua indisciplina, talvez estejam revelando essa desimplicação no processo.

Na história de Jézer, acumulavam-se situações de violência. Ele havia sido recolhido a Centros de Atendimento a menores infratores algumas vezes. Em seus relatos esses Centros eram ditos “*lugar de morrer*”. Ele saía e voltava depressa, segundo ele, para as bocas de

fumo e aí tudo se repetia. Contava que queria dar a sua mãe condições para viver melhor, almejava alguns bens de consumo e se apresentava com um termo pejorativo.

O adolescente costumava referir as drogas como “*a coisa*”. Dizia que estas estariam muito perto de sua casa e com a toxicomania cairia novamente nos “*rolos*” (atos delinquentes), conforme dizia e “*os caras*” iriam buscá-lo, referindo-se à polícia. Talvez o que o adolescente dizia temer, era o que ansiava através de seus atos, ser recolhido pelos polícias representantes da lei. A repetição parecia clara, atuava e, através de seus delitos, era contido e outras vezes recolhido aos Centros de Atendimento aos menores infratores, repetindo compulsivamente essa dinâmica.

Os centros de privação de liberdade que Jézer era conduzido e que chamava o “*lugar de morrer*”, pareciam figurar cenas de violências verbais e físicas, também por parte dos profissionais que lá trabalhavam. O adolescente intuía que “*lugar de morrer*” poderia designar um espaço onde a palavra não advém e com isso sucumbe à morte. Nesse sentido, Rosa Jr. (2011) questiona se seria possível pensar em ressignificação de lugares, onde não se reconhece a palavra como o principal agente de sustentação do sujeito e de implicação do sujeito em seus atos. Pensamos que realmente, onde a palavra não encontra lugar a violência opera certamente.

As intervenções possibilitam ajudar o jovem a refrear a sua compulsão à repetição na medida em que as elaborações vão sendo possíveis, e desse modo, as vivências traumáticas deixando de retornar no real ou no corpo do sujeito, de maneira não mediada como afirma Pereira (2016). Para o autor, a produção de sintomas é o que une duas tendências opostas, restrição e gozo, porém o jovem praticante de ato infracional, em geral, não sofre com seus sintomas ou não apresenta explicitamente um mal-estar decorrente desse.

O que se percebe na escuta tanto de Jézer, quanto de outros adolescentes é que em regra, a intervenção nesses casos é, através de uma medida jurídica de exceção, que pretende barrar a conduta ou tendência antissocial e cercear a liberdade desses jovens. Entretanto, somente a privação da liberdade imputada aos adolescentes infratores, não produz efeitos desejados, à medida que muito pouco se investe em dispositivos que possibilitariam sua recuperação.

Nesse sentido Calligaris (2013), dirá que a reabilitação, ou seja, trazer alguém de volta da delinquência, da droga ou da prostituição, implicaria em reconhecer que alguém se perdeu e esteve em perigo de verdade. O que percebemos é a incidência de ações desimplicadas com a reabilitação dos adolescentes, como se esperássemos soluções mágicas ou admitíssemos total impotência nos atos por eles cometidos.

2.2 A escuta de um adolescente em atendimento clínico

Algumas considerações sobre os atendimentos de João, também visam apresentar aspectos da adolescência e de suas possíveis manifestações. O jovem tinha dezessete anos, segundo filho de Ana e Gilmar, ela professora e seu pai era representante comercial. O adolescente havia procurado atendimento por sentir-se ansioso, temia as reações de sua família caso viessem a saber que não estava frequentando a faculdade e já não sabia se queria continuar com o curso.

Passava a maior parte do dia alternando entre redes sociais e jogos eletrônicos, referia constantemente sua preocupação com *likes* que recebia, fotos postadas em redes sociais especialmente as que não faziam sucesso, essas ele se ocupava de deletar. Tinha o costume de passar filtros e editar as fotos exibidas a fim de melhorá-las, muito semelhante ao que comumente escutamos, mas aqui cabe trazer as questões da imagem e do espetáculo que o adolescente também se vê imerso.

Na obra *Três Ensaios sobre Juventude e Violência*, Gurski (2012) irá citar Guy Debord autor do clássico *A Sociedade dos Espetáculos*, no trecho a seguir aponta uma das constatações do autor ao afirmar que uma das características das culturas onde imperam as modernas condições de produção, encontra-se uma intensa produção de espetáculos.

[..] a noção de que o espetáculo afirma a vida humana como uma simples aparência. Para o que é real transforma-se em imagens, pois o espetáculo leva o sujeito a se relacionar com o mundo através de seu fazer ver, ficando a visão como sentido privilegiado em relação aos outros. (Debord, 1997, apud Gurski, 2012, p. 149)

Na adolescência costuma-se dizer que o Espelho encontra-se quebrado. Nesse sentido, a jovem busca, através de identificações, um novo referencial. Talvez seja esse um dos motivos pelos quais essas imagens ganham tamanho valor aos adolescentes, justamente porque percebem que o espetáculo é valorizado, pela cultura. Conte (1997) dirá que para ter uma imagem de si é necessário sempre supor um olhar no outro. Ora, uma das características do sujeito adolescente moderno é que, para ele, o olhar que encontra refletido no Outro está esvanecido, vazio e não lhe situa um lugar. Para o adolescente, sua mãe criava problemas com suas roupas, tatuagens, amigos, escolha profissional, namoradas. Dizia se sentir sufocado pelo controle que sua mãe exercia em sua vida e incomodado pela aparente indiferença do seu pai.

Assinala-se também na escuta com João que nas saídas em grupos, ele passava períodos em postos de gasolina escutando músicas, participando de rachas, muitas vezes, dirigindo carros dos pais de seus amigos. Ele costumava visitar, junto com sua turma, três a quatro bares na mesma noite. Segundo o jovem, procurando um eu fosse bom. O adolescente relatava períodos em que costumava se isolar em seu quarto, perdendo a noção de dia e noite. Morava numa cidade próxima, dividindo um apartamento com outros dois jovens e costumava retornar todos os finais de semana para a casa dos pais. Seu irmão mais velho havia descoberto que estava usando maconha e outras substâncias e ameaçava contar para seus pais.

Calligaris (2013) irá dizer que a grande maioria dos adolescentes apenas flerta com a droga, há também adolescentes que se drogam para precisar de algum tipo de reabilitação e pedir ajuda, seria uma estratégia para forçar o reconhecimento do adulto. No caso de João, o uso excessivo de bebidas alcoólicas que começaram quando este cursava o ensino médio, agora aconteciam aos finais de semana quando voltava para casa, talvez sinalizando um pedido de ajuda.

O adolescente dizia que seu pai era ausente e que sua mãe era sempre muito ligada com os filhos e temia decepcioná-la. O irmão mais velho costumava o socorrer quando passava mal, em função do uso abusivo de bebidas alcoólicas, o que vinha acontecendo com frequência. As brigas tornaram-se intensas na sua casa em função das saídas que fazia com sua turma.

João trazia questões sobre seu corpo, sentia-se sem atributos físicos, referia não conseguir satisfação na atividade sexual, contava que trocava de namoradas com frequência e estranhava que os relacionamentos amorosos não conseguiam suprir suas expectativas. Nesse sentido, Rassial (1997) contribui ao dizer que nas paixões amorosas do adolescente o que é procurado não é um outro, mas um certo estado do eu de forma que os objetos de amor podem ser substituídos facilmente.

Para o autor supracitado, o ideal do eu no adolescente é afetado na medida em que não é mais o mesmo ideal do eu com que ele se confronta e se compara e já não pode ser sustentado. De forma que essa percepção do corpo como anormal de um modo leve é uma das causas da maneira desajeitada do adolescente.

As tatuagens que João estampava pelo corpo, é uma das formas de expressão em muitos jovens na atualidade. Conforme Birman (2005) o desamparo que caracteriza a juventude hoje se inscreve com marcas dolorosas no seu corpo. Como refere no seguinte trecho:

A cultura da tatuagem, que hoje se dissemina, é uma das formas de singularização buscada hoje pelos jovens, diante da invisibilidade identitária que os marca a ferro e fogo. Tal como os antigos marinheiros, lançados que eram na aventura de atravessar os incertos oceanos tempestuosos, sem lenço e sem documento, com efeito, a juventude marca o seu corpo com tatuagens como formas desesperadas de adquirir alguma visibilidade, isto é, para ser identificada e singularizada [...]. (p.21)

O desamparo tatuado na pele sugerindo uma dor psíquica que ele não consegue metabolizar ou ainda uma procura de reinscrição em outras linhagens ou ascendência imaginárias, que denunciariam a fragilidade no seu sistema de filiação.

Relatados esses dois casos, a pretensão é discorrer sobre essas manifestações na adolescência sobre o prisma de não se prender aos sintomas, nem ao que se considera esperado nessa passagem, mas pensar sobre como a subjetivação na adolescência vai acontecendo em meio às questões do tempo e da cultura em que o sujeito está inserido.

2.3 A adolescência na contemporaneidade

A adolescência é um período de intensas mudanças físicas e psíquicas que podem ser vividas como um tempo de difícil compreensão para o sujeito. As transformações do corpo exercem repercussões no campo do psíquico e o contrário também reverbera. Considerando os pressupostos da teoria psicanalítica toda a adolescência é caracterizada por inúmeras vivências traumáticas, situações conflitantes que requerem um intenso trabalho de luto pelas perdas e uma elaboração da condição adolescente (Gaspar; Lorenzutti; Cardoso, 2006).

Conforme Rassial (1999), o adolescente avança sob um modo ciclotímico, oscilando entre um luto das imagens da infância uma exaltação a tudo que pode ser eixo de identificação. Para o mesmo autor o duplo aspecto da adolescência de ser ao mesmo tempo limite e período, determina a organização do que pode ser chamada crise formal da adolescência: um limite entre dois estatutos, um regendo a criança que brinca e aprende, outro, o adulto que trabalha e participa da reprodução da espécie. Trata-se de um período de indecisão subjetiva e de incerteza social, onde a família e as instituições exigem, segundo circunstâncias, que o sujeito se reconheça como criança ou como adulto.

A promessa de que quando adulto, a criança teria direitos com que ansiava, fica em suspenso. A adolescência é um momento de construção e luto, onde as condições subjetivas encontram-se frágeis para responder os apelos dos ideais sociais. Com o corpo em

transformação, o jovem ora é colocado na posição de criança e ora como um adulto. A confusão parece clara nos discursos, pelo estatuto do corpo, a relação sexual é possível, mas ele é muito jovem ainda para responder pelos seus atos. Ora então lhe é conferido, ora não o passaporte para o crescimento. Diante do não cumprimento dessa promessa e frente à constatação de que os adultos estão confrontados as mesmas incertezas e provas, as figuras que representam perdem seu estatuto. O jovem procura no meio social, algo com que possa se identificar novamente.

Nessa mesma obra, Rassial (1997) irá dizer que na adolescência ocorrem profundas mudanças, na eminência de uma nova ordem, os discursos serão questionados e a saída do laço familiar para o laço social modificam-se os estatutos do eu como refere no trecho a seguir:

A adolescência transtorna o eu, os ideais e o mundo da infância. As transformações da puberdade, inicialmente no que elas modificam o estatuto do outro, a desqualificação dos pais em construir o modelo do adulto, a decepção frente a promessa edípica que se revela enganadora e por isso mesmo, face a todos os discursos antigos, a saída do lar familiar em direção ao laço social exigem uma nova construção identificatória. (p.102)

Melman (1999), define o jovem como um indivíduo que atingiu a maturidade, e em quem esta maturidade não é reconhecida simbolicamente como tal. A maturidade real orgânica não reconhecida pela família e pelo meio social é lida como uma recusa pelo adolescente. Para o autor, a única forma do jovem conquistar esse reconhecimento, seria tornar-se agente econômico para que o reconhecimento de sua sexualidade lhe confira um aceite simbólico.

Um dos dramas da operação psíquica da adolescência é justamente na constituição de um lugar desde o qual o sujeito possa se representar no social. O jovem que quando criança tinha a ilusão de ser objeto de satisfação para o adulto, ao crescer perde essa ilusão. (Pereira & Gurski, 2014)

Gurski (2012), irá dizer que o adolescente contemporâneo está mais exposto ao encontro com o real, expressão referida por Lacan para designar o impossível de ser simbolizado, isso apontaria para a ausência de suportes simbólicos no tecido cultural, de produzir bordas capaz de transformar o traumático.

No mesmo trabalho, *Três Ensaios sobre Juventude e Violência*, Gurski (2012), afirma que quando as gerações figuram uma mesma posição, através de seus

comportamentos e condutas, ocorre uma falta de alteridade. Que certamente estampa a condição dos sujeitos na contemporaneidade, como referido no trecho a seguir:

No momento em que os adultos de uma sociedade se juvenilizam por meios de comportamentos e condutas e que os ideais do imaginário cultural passam a valorizar a juventude e seus atributos, é como se todos constituíssem uma comunidade de iguais, desaparecendo a dose de distância geracional necessária para emergir o novo da geração vindoura. (p.81)

De acordo com a autora supracitada não é de estranhar a espécie de limbo no qual se encontram muitos dos adolescentes, evidenciando que sofrem com a impossibilidade de inscrever-se através de outras insígnias que não as associadas ao gozo imediato e sem limites proposto em nossa época.

Pereira e Gurski, (2014) apresentam um pensamento de Kehl (2004) onde essa salienta que a disseminação do ser jovem acaba por colocar todos em uma mesma posição, retirando a dose de alteridade geracional, necessárias ao adolescente que, deixando a infância e agora enfrentando as mutações pubertárias, inicie suas inscrições na esfera pública e social.

Para Calligaris (2013) se a adolescência não existisse os adultos modernos a inventariam. Parafraçando o autor é possível pensar que o ideal de liberdade, tão valorizado pelos adultos da na nossa época passa ser um imperativo na sociedade pós-moderna os discursos atestam constantemente esse ideal da eterna juventude.

Melman (apud Gurski, 2012) discorre sobre o que ele denomina de uma nova economia psíquica do sujeito, a partir de algumas condições da contemporaneidade dentre essas cita a dificuldades em dispor de balizas para analisar e tomar decisões. Classifica a nova economia psíquica como uma nova mutação que nos faz passar de uma economia regrada pelo recalque para a economia regrada pelo gozo exibicionista.

As problemáticas que os jovens enfrentam na atualidade são, em partes, diferentes das que eram anteriormente observadas, as formas de manifestações adquirem novos contornos na cultura contemporânea e os efeitos da adolescência parecem ressoar em tempos onde as transformações ocorrem de forma acelerada, quando os espaços para as diferenças parecem reduzidos.

A falta de ritualização é também referida por Conte (1997) como uma das características de nossa cultura, na ausência de ritos o jovem se vê desamparado e solitário, convidado a dar um salto no escuro, sustentar um nome e se fazer reconhecer que em muitas vezes acontece pela via dos objetos que consome

Na falta de rituais que outorguem ao jovem uma posição, ele fica frente a uma incerteza, um período em suspenso do qual ele não tem ao certo quando poderá assumir uma nova posição. Os ritos, quase sempre, são precedidos por uma preparação, o que acontecia em algumas culturas quando a partir de determinada idade a criança começava a ser preparada, havendo com isso um limite demarcado pelo tempo e sustentado pelos demais membros da comunidade.

Esse período morno que o jovem passa entre sair do estado de criança para adulto na sociedade pós-moderna, do qual, por vezes, não é certo que ainda seja verdadeiramente prescrito sair, de acordo com Lebrum (2004) deixa planar a ambiguidade de uma volta atrás seja sempre possível.

Conforme Jerusalinsky (2004), a sociedade contemporânea tem algumas características, que de modo genérico apontam para um debilitamento do laço social. Esse momento onde o centro da cena social é o objeto e não o semelhante, talvez seja um produto da evolução própria da modernidade. De acordo com o que a ciência sempre viria a prometer, seria o objeto da satisfação total.

Nesse sentido, Conte (1997) sugere que a cultura consumista acolhe e vende a ideia de uma vida perfeita sem faltas, desde que se consuma certo objeto e já. Essa busca por um objeto que satisfaça os desejos e necessidades é uma tentativa de anular o mal-estar.

A subjetivação do adolescente é permeada por sintomas e múltiplas manifestações, não necessariamente configurando patologias, mas configurando vias que o sujeito encontra de subjetivar-se. O jovem depara-se com condições diferentes de operar essa passagem adolescente, a bagagem que ele carrega nem sempre assegura um caminho menos turbulento.

Para Calligaris (2013), descrever e tentar explicar os comportamentos extremos dos adolescentes é uma das maneiras de situar os monstros que também enfrenta o adolescente aparentemente “normal”, embora ele os enfrente talvez de maneira mais bem-sucedida. Os sintomas do adolescente, não podem ser comparados aos do adulto, dado ao carácter transitório dos sintomas mais frequentes no adolescente e considerando-os parte da experimentação da sintomatologia possível para o adulto (Rassial, 1999).

De acordo com Melman (2003), a ausência de limites com que estamos confrontados nos oferece a ideia que não há mais o impossível. Essa nova modalidade oferece dificuldades para a subjetivação do adolescente.

Lebrum (2010) afirma que os pais estão tendo dificuldades de dizer não aos seus filhos, define as experiências limites como a experiência daquele que não pode contar com um “Não”. O autor irá dizer que o sujeito se encontra como se estivesse os pés e as mãos amarrados, inteiramente entregue ao Outro. Com efeito é como se a significação fálica não

estivesse verdadeiramente inscrita no sujeito, deixando de operar como uma fechadura, uma contenção frente a elisão do desejo da mãe, primeiro outro do sujeito. Partindo dessa constatação, o mesmo autor refere que o sujeito contemporâneo não consegue se legitimar e salienta a falta de condições de transmissão no trecho a seguir:

Não encontrando mais o “Não!” inscrito no social, na ordem da geração anterior o sujeito contemporâneo não pode mais se legitimar nela para, por seu próprio turno transmiti-la, e, obrigado a fazer o trabalho que a geração precedente deveria fazer [...] (p.66)

Atualmente observa-se que muitas pessoas, especialmente pais, chamam as crianças de príncipes e princesas, esses personagens sempre habitaram o imaginário através de nossas fantasias e isso nos ajuda a elaborar certas angustias através dos contos infantis, o que preocupa aqui é que isso se perpetue, que haja uma colagem a essas figuras, sabendo que o destino de príncipes e princesas seria o reinado. Talvez isso aponte para o ideal do imaginário do adulto na contemporaneidade. Quais seriam os riscos de deixar a criança em sua posição de onipotência infantil?

A mídia se ocupa de anunciar a falta de limites no social, a publicidade reforça constantemente o que é lido como um ideal “ Não há limites para você! ”. Negando-se a castração, tudo é possível nesses ditos e, isso é reforçado aos jovens desde a infância. Pergunta-se que efeitos terão esses ditos para os sujeitos?

2.4 Manifestações na adolescência

As manifestações da adolescência, são as mais diversas, contudo o trabalho limita-se a apresentar, a partir dos casos, as manifestações, percebidas através da escuta, não somente as que se referem ao sintoma. Freud [1927-1931] adverte que a vida tal como a encontramos é árdua demais para todos nós, proporciona-nos muitos sofrimentos, decepções e tarefas impossíveis. A fim de suportar a vida, o homem busca medidas paliativas, satisfações substitutivas que diminuem o sofrimento, tal como oferecidas pela arte que são ilusões em contraste com a realidade, mesmo assim são eficazes psiquicamente, devido ao papel que a fantasia assumiu na vida mental.

Nos casos apresentados a hipótese é de que os dois adolescentes buscam nas drogas uma satisfação substituta e imediata. Para ambos a toxicomania vem como forma de aplacar um sofrimento, uma saída diante da falta de condições de lidar com suas angustias.

Aparentemente João está experimentando a droga, enquanto Jézer parece que estabeleceu com os entorpecentes uma relação mais profunda de dependência. O sentido seria o mesmo, obturar a falta.

Calligaris (2013) define as drogas como um objeto mortal, não só porque pode matar o usuário, mas porque pode matar o desejo. Jerusalinsky (2004) dirá que a droga seria uma espécie de representação real e sintética do objeto, diz que a toxicomania consiste em adotar o uso de certo objeto de gozo em substituição das formas de gozar que não se constituíram na relação social. Alguém que está situado na toxicomania padece de uma dificuldade de representação do lugar do outro.

A delinquência também pode configurar uma das manifestações sintomáticas especialmente em um dos casos apresentados. Sabendo que representa um novo desafio ao social, aqui venha fazer suplência e conferir ao jovem um possível reconhecimento através de seus atos delinquentes. Hannah Arendt (apud Gurski, 2012) irá afirmar que em algumas situações a violência acaba sendo a única manifestação possível de ser escutada, denunciando o declínio da autoridade e do agir humano. Jézer era percebido como alguém perigoso e temido entre algumas pessoas da sua comunidade, seus atos delinquentes sobressaíam e ele passava a ser conhecido pelos efeitos que esses atos produziam.

Gurski (2012) irá dizer que muitas vezes são formas de tentativas do jovem se constituir-se, prescindindo do outro. O que transborda nos atos violentos juvenis pode estar associado ao desamparo do qual padecem. As condutas extremas da adolescência transgressora almejam convencer o outro que a vida do adolescente está acontecendo de verdade como a vida adulta e não é nenhum limbo preparatório.

Para Conte (2013), na falta de um pai simbólico o delinquente, faz tentativas de constituir-se como sujeito, por conta própria, a cada ato de apreensão do objeto do furto. Portanto vale mais o ato em si do que o valor do objeto. O delinquente interpreta essa falta do objeto simbólico como uma dívida que contraíram com ele. Para a autora, a conduta delinquente espera e anseia a reação da lei, espera com isso que a lei funcione onde a função paterna esteve fragilizada.

O convite à delinquência se encontra no discurso da impunidade, “do jeitinho”, do paraíso fiscal, má distribuição de renda, das chacinas, na incompetência do sistema Penal entre outros. Esses discursos fazem curva à castração, nos colocando na possibilidade de sermos exceção à lei (Conte, 1997).

O texto da autora citada parece muito atual, também no que se refere aos convites a delinquência da nossa sociedade, quando no país processos de corrupção são arquivados,

dispositivos contra a criminalidade são desarticulados, o acúmulo de bens materiais de figuras públicas, sugerem práticas ilícitas.

3 Considerações finais

A interrogação de Pereira e Gurski (2014) no trabalho “*A adolescência generalizada como efeito do discurso capitalista e da adulez erodida*”; é de que se todos querem eternizar a posição de jovem e nesse sentido, perguntam: Quem vai ocupar o lugar do adulto na relação com os adolescentes? Essa é uma grande questão na contemporaneidade, evidenciada ao longo do trabalho através dos estudos de diferentes autores.

A clínica necessita estar atenta e sensível ao seu tempo, à história e às mudanças socioeconômicas, políticas e sociais nas quais os pacientes estão inseridos. A escuta necessita de uma permeabilidade capaz de identificar que somos constituídos a partir de um social e a subjetividade é construída nesse caldo de experiências.

Padrão et al. (2006), afirmam que, no cenário da clínica atual com adolescentes, temos presenciado uma grande incidência de vivências extremamente violentas, situações de intensa melancolia e depressão até outros estados-limites, tais como patologias adictivas, drogadição, anorexias e bulimias, bem como patologias de auto e hetero- agressividade.

Talvez essa constatação, os estudos e pesquisas que vem sendo realizadas sobre essas manifestações clínicas, nas quais a denominação limite nos remete para fora dos padrões clássicos de teoria e da técnica psicanalítica nos apresenta a necessidade de aprimorarmos nosso trabalho, ampliar nossos recursos e nos colocar diante dos limites que se apresentam.

Conte (1997) refere que a interpretação do agir recolocaria a ação em um registro simbólico e lhe daria aceso à palavra. Concordando com Perrone & Moraes (2014), que irão dizer que a aposta da clínica está em tentar estabelecer ao sujeito as condições de regulação de intensidades no psiquismo e de reconhecer-se no seu discurso e a partir de sua posição subjetiva, conseguir trilhar outro caminho e traçar o acesso ao seu lugar social.

Melman (1999), salienta que o mais benéfico para um adolescente em dificuldade é encontrar uma pessoa em quem ele possa confiar, alguém que não vai ficar lhe fazendo grandes discursos, nem encarnar o discurso parental ou do educador. Possibilitando através de uma interpretação, que pareça inesperada ou interessante, e que lhe permita que se descubra a ele e para ele o espaço do inconsciente, do qual ele sequer tinha ideia.

Segundo Perrone & Moraes (2014), escutar é reconhecer os efeitos e os impactos do traumático, tanto a incidência devastadora no psíquico, como as repercussões atordoantes da

subjetividade. Para o paciente ouvir-se implica a possibilidade de dar outro significado, rompendo a cadeia da repetição que o mantém acorrentado ao vivido.

Durante o curso, uma professora, pronunciou uma frase cuja a referência por ela citada não recorde, disse ela: “*O que queres, cara pálida?* ”, engendrando ainda mais sentido em pensar as questões da adolescência. De alguma forma: “Que queres?”, é a pergunta implícita que possivelmente fizemos às pessoas que nos interpelam na clínica, também aqui no sentido de uma clínica ampliada, como nos diferentes contextos em que trabalhamos, as intervenções vêm ao encontro da escuta do Desejo.

Para escutar os adolescentes é preciso considerar os efeitos do lugar simbólico que lhe é reservado, do tempo em que vivem e dos seus laços em seu circuito social. É necessário reconhecer seu sofrimento, também na condição de terapeutas ter nossos sintomas analisados e sobretudo balizar o trabalho na ética, que suponho seja a condição de maior valor na clínica psicanalítica.

REFERÊNCIAS

- Alves, I. M; Molina. S. E. (2008). Estruturar para não marginalizar: Quando a educação começa a ser possível? In. Rodrigues. F; Gurski.R. (org.) Educação e Função Paterna, (pp. 61-71). Porto Alegre: Editora da UFRGS
- Birman, J. (2005). Tatuando o desamparo: A juventude na atualidade. Disponível em:< <https://chasqueweb.ufrgs.br/~slomp/edu01011/birman-tatuando-o-desamparo.pdf>> Acesso em: 10/07/2017.
- Freud, S. (2011 [1927-1931] p.83). O Futuro de uma ilusão, O Mal-estar na Civilização e outros trabalhos, In Obras Completas Volume XXI; Companhia das Letras.
- Calligaris, C. (2013) A adolescência, (pp. 34-58), São Paulo: Publifolha.
- Conte, M. (1997). Ser herói já era: Seja Famoso, Seja Toxicômano, Seja Marginal!; In Associação Psicanalítica de Porto Alegre (org.) APPOA, Adolescência: Entre o passado e o futuro. (pp. 249-257) Porto Alegre: Artes e Ofícios.
- Conte, M. (2011) Adolescência em conflito com a lei: articulando psicanálise e saúde coletiva; In: Comissão de Aperiódicos da Associação Psicanalítica de Porto Alegre (org.); Autoridade e violência- (pp. 159-183) Porto Alegre: APPOA
- Gaspar, F. L; Lorenzutti. P. S; Cardoso. M. R (2006) Trauma e Representação: Estudo de um caso clínico; In: CARDOSO. M. R (org.); colab. Helena Aguiar et al; Adolescentes, (pp 17-22), São Paulo: Editora Escuta.
- Gurski, R. Três ensaios sobre Juventude e Violência (pp.28 – 149), São Paulo: Escuta/ Clínica Maud Mannoni, 2012.
- Jerusalinsky, A. N. (2004) Adolescência e Contemporaneidade, In Conselho Regional de Psicologia 7ª Região Conversando sobre Adolescência e Contemporaneidade. Porto Alegre: Libretos. Disponível em: <<http://adolescencias.pbworks.com/f/jerusalinsky-adolescencia-contemporanea.pdf>. >Acesso em 03/06/2017.
- Junior Rosa. N. C. D. F. (2006) Adolescência e Violência: Direção do tratamento psicanalítico com adolescentes em conflito com a lei. (Monografia ao Programa de pós-graduação em Psicologia Social e Institucional do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul). Disponível em: < <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/8710/000587166.pdf>. Acesso em 07/07/2017.
- Junior Rosa. N. C. D. F. (2011) O que se ouve no que se diz: contribuições da leitura de Marcel Proust à clínica psicanalítica com adolescentes em situação de conflito com a lei, In Comissão de Aperiódicos da Associação Psicanalítica de Porto Alegre (org.); Autoridade e violência- (pp. 216-237) Porto Alegre: APPOA
- Lebrun, J. P. (2004). Um mundo sem Limites, trad. Sandra Regina Felgueiras (pp. 148-149) Rio de Janeiro: Companhia de Freud.

Lebrun, J. P. (2010) O Mal-estar na subjetivação trad. Mario Fleig, Francisco F. Settineri, Cristóvão A. Viero. (pp.66-69) Porto Alegre: CMC, 2010.

Melman, C. (1999) O que é um adolescente? In Congresso Internacional de Psicanálise e suas Conexões, O adolescente e a modernidade (pp.21-29) São Paulo: Escola Lacaniana de Psicanálise.

Melman, C. (2003) O homem sem gravidade: gozar a qualquer preço. Entrevistas por Jean-Pierre Lebrun, (pp.58- 60), Rio de Janeiro: Companhia de Freud.

Padrão. C.; Mayerhoffer, E. L.; Silva, P. C.; Cardoso, M. R (2006) Trauma e Violência Pulsional: A adolescência como situação-limite (pp.135-147); In: Cardoso. M. R (org.); colab. Helena Aguiar et al. Adolescentes; São Paulo: Editora Escuta.

Pereira, M. R; Gurski, R. (2014) A adolescência generalizada como efeito do discurso do capitalista e da adultez erodida. *Psicologia & Sociedade*, 26 (2), (pp. 376-383). Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v26n2/a14v26n2.pdf>>. Acesso em 07/07/2017.

Pereira, M. R. (2016) A clínica da urgência subjetiva para uma “juventude desorientada” In Oliveira, F.; Kyrillos Neto, F.; Rosário, A. *Violência e Psicanálise*; Belo Horizonte: PUC Minas.

Perrone, C. Moraes E. G. (2014). Do trauma ao testemunho: caminho possível de subjetivação. In. Sigmund Freud Associação Psicanalítica Porto Alegre, *Clínicas do Testemunho: Reparação Psíquica e Construção de Memórias*. (pp. 31-46). Porto Alegre: Criação Humana.

Rassial. J. J. (1997) A passagem adolescente: Da família ao laço social, (pp. 102-105) Porto Alegre: Artes e Ofícios Editora Ltda.

Rassial. J. J. (1999) O adolescente e o psicanalista;(pp. 52-58), Rio de Janeiro: Companhia de Freud.

Rodrigues. F; Gurski. R. (org.) (2008) Educação e função paterna, (pp.20-21), Porto Alegre Editora da UFRGS.

Junior Rosa, N. C. D. F (2011) O que se ouve no que se diz: contribuições da leitura de Marcel Proust à clínica psicanalítica com adolescentes em situação de conflito com a lei. In. Comissão de Aperiódicos da Associação Psicanalítica de Porto Alegre; (org.) - *Autoridade e Violência*. (pp.217-237). Porto Alegre: APPOA

Torossian, D. S. (2011) “Sem limites” ou “ sem saída”? Ensaio Preliminar in: COMISSÃO DE Aperiódicos da Associação Psicanalítica de Porto Alegre; (org.) - *Autoridade e Violência*. (pp. 206-2015) Porto Alegre: APPOA.